



DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**
Lammas, Agosto de 2013, nº 168



LAMMAS: A Celebração da Colheita

Na noite de 1º de agosto, a Teia de Thea receberá homens e mulheres para a celebração do antigo ritual do Lammas, conhecido também como Festival da Colheita, com o intuito de despertar o sentimento de gratidão em todas as pessoas, nos diversos níveis, agradecendo desde as conquistas pessoais ocorridas no passado, as dádivas que o Universo nos proporciona no presente e a consciência acerca dos plantios para o futuro.

Os povos antigos acreditavam que a Natureza era a manifestação das forças criadoras divinas e que tudo o que existia no mundo era impregnado de energia espiritual. As leis que regiam a Natureza regiam também os demais seres, repetindo assim o eterno ciclo de geração, crescimento, amadurecimento, colheita, transição e renascimento.

Conheciam-se e celebravam-se os momentos de passagem de uma fase para outra, a mudança das estações, o início e o fim de cada ciclo. O sagrado fazia parte da vida cotidiana, pois os rituais e as cerimônias comemoravam esses momentos marcados pelo movimento do Sol, da Lua, dos planetas e estrelas e manifestados nos ciclos e mutações da própria Natureza.

As religiões modernas afastaram-se dessas práticas milenares, considerando-as pagãs, quando, na realidade, o verdadeiro significado da palavra latina *paganus* retratava exatamente sua origem, ou seja, “o morador do campo”, o homem em contato permanente com seu habitat – a Natureza.

O homem moderno, quando passou a viver no meio dos muros de concreto, longe do contato diário com o céu, a terra, as plantas e os animais, afastado e desligado dos ritmos

e fenômenos naturais, perdeu também a vivência simples e cotidiana do sagrado.

As antigas civilizações e culturas atribuíram à Terra poderes espirituais, criaram sítios sagrados, mitificaram animais e plantas e festejaram as estações e os fenômenos naturais, reverenciando as forças criadoras representadas por inúmeros deuses e deusas. A vida do assim chamado homem “primitivo” dependia das forças da Natureza, de sua relação com o meio ambiente, de sua habilidade para saber quando e o quê plantar e para definir o momento certo de colher. Seu objetivo era viver em permanente contato com os princípios e poderes espirituais, invocando, pedindo ou agradecendo pela chuva, pelo Sol, pela fertilidade da Terra e pela abundância das colheitas.



Atualmente, a excessiva ênfase no pensamento racional, analítico e científico levou às atitudes antiecológicas, o que resultou na excessiva exploração e decorrente devastação da Natureza, na crescente poluição e falta de respeito pela vida e pelo equilíbrio do nosso planeta, comprometendo a própria sobrevivência (mineral, vegetal, animal e humana).

Próximos Rituais

Celebração da Noite de Hécate
13 de agosto de 2013 às 20h

Somente para mulheres

Plenilúnio: Celebração da Mulher Aranha
20 de agosto às 20h

Somente para mulheres

Os rituais da Teia de Thea acontecem na
UNIPAZ Brasília DF .. Energia de troca: R\$ 15,00

Hécate: a Deusa com Múltiplas Faces

 Mirella Faur

A noite de 13 de agosto é uma das mais importantes do calendário do Sagrado Feminino, celebrada por mulheres de vários países em reverência a Deusa escura Hécate, honrada como a Senhora dos Mistérios, Guardiã dos Portais e Detentora da Sabedoria. Nesta noite, às 20h, Mirella Faur conduzirá um ritual mágico, profundo e transformador na UNIPAZ, somente para mulheres, dedicado ao encontro com o poderoso arquétipo dessa antiga Deusa. A lista de material necessária para o ritual pode ser encontrada no site da Teia de Thea: www.teiadethea.org

Hécate Triformis, a Grande Mãe Tríplice

Hécate é uma das mais antigas imagens míticas da Grécia pré-helênica e a personificação original da Deusa Tríplice. Filha de Nyx, a Noite, o seu arquétipo surgiu no Egito pré-dinástico como a parteira Heket, que evoluiu para Hek, a matriarca das monarquias. A sua origem na Grécia era Trácia, uma região no Noroeste grego, fato que mostra a sua conexão com o culto das deusas da Ásia Menor, do terceiro e quarto milênio a.C. Diferente de outras divindades primordiais, Hécate foi absorvida pelo panteão clássico grego, sendo descrita como neta da Grande Mãe lunar Phoebe, filha dos titãs Asteria (deusa estelar) e Perseu (símbolo da luz) e prima de Ártemis.

A sua representação mais antiga é como Hécate Trivia, carregando uma tocha, usando uma coroa de estrelas cujo brilho iluminava o caminho tríplice da passagem do tempo e que servia para explorar a escuridão (dos mistérios antigos e do inconsciente). Os Titãs eram divindades pré-olímpicas destronadas por Zeus, mas ele reconheceu e honrou a antiguidade e o poder de Hécate lhe conferindo o domínio sobre os três mundos: o céu, a terra e o mundo ctônico (subterrâneo). Apesar de nunca ter feito parte do Olimpo, Hécate era reverenciada antes e acima das outras divindades e ela tinha o mesmo poder que Zeus, ou seja, o de dar ou retirar da humanidade dons e dádivas, tornando-se assim a doadora das riquezas e bênçãos cotidianas, regente dos mistérios do nascimento, vida e morte. Tradições posteriores transformaram Hécate na filha de Zeus e Hera e reduziram seu poder para governar apenas o mundo subterrâneo, a noite e a Lua negra.

Como Hécate Triformis ela era a regente dos três mundos, aparecendo como um grupo de três deusas ou uma só, com três rostos ou três cabeças, usando uma coroa tríplice e acompanhada por três animais (cão, serpente, leão; ou cão, cavalo, lobo ou urso) que representavam as estações (primavera, verão, inverno). Sua tríplice representação na natureza era Selene, a Lua, Ártemis, a caçadora na terra e Hécate no mundo subterrâneo, tríade que controlava os ciclos de nascimento, vida e morte. Os aspectos lunares eram simbolizados por Ártemis como lua crescente, Selene, a lua cheia e Hécate, a lua minguante e negra. Nas fases da vida feminina Ártemis era a virgem, Perséfone, a jovem e Hécate, a anciã, ou visto de outra forma: Perséfone, a filha, Deméter, a mãe e Hécate, a avó. Como descrição dos relacionamentos femininos, Hebe era a donzela, Hera, a mulher e Hécate, a

viúva. Nos mistérios agrícolas a semente era Kore, a espiga amadurecendo Perséfone, e os grãos colhidos, Hécate. No mito do rapto de Perséfone por Hades, Hécate é a figura chave, a única que ouve os gritos de Perséfone, que intercede perante Helios para ele revelar o paradeiro de Perséfone e que empresta sua tocha para Deméter buscar a filha. É Hécate que conduz Perséfone de volta para a terra - contribuindo assim para o reencontro da mãe e filha e o renascimento da natureza - e é ela que acompanha Perséfone de volta ao escuro reino de Hades, lá permanecendo durante os meses de inverno. Este mito foi a base dos Mistérios Eleusínicos, que celebraram durante dois milênios o eterno retorno dos ciclos de nascimento, vida, morte e renascimento, com rituais embasados nas práticas agrícolas do ciclo vegetativo. Enquanto Deméter era a força que promovia o crescimento vegetal acima da terra, Hécate sustentava o desenvolvimento das raízes assegurando a nutrição das plantas e Perséfone trazia a plenitude e beleza da colheita.

A materialização de Hécate como "Senhora das Encruzilhadas" era o pilar sagrado Hecterion ou Hectarea, colocado no cruzamento de três caminhos - do passado, presente e futuro - e representando a deusa com três cabeças e seis braços, que seguravam três tochas e seus emblemas sagrados: a chave, a corda e o punhal. A chave abria as portas para os mistérios ocultos e a sabedoria do além. A corda era o cordão umbilical do renascimento e da renovação. O punhal - depois transformado no athame das bruxas e feiticeiras - cortava as ilusões e as amarras, sendo símbolo do poder mágico. Invocada como "A Distante", Hécate era protetora dos lugares ermos, dos caminhos e das encruzilhadas de três vias, onde recebia as oferendas deixadas nas noites escuras e chamadas de "Ceias de Hécate". Lá ela aparecia segurando tochas nas mãos e acompanhada por cães pretos uivando; devidamente invocada, ela podia revelar segredos, a entrada para o mundo subterrâneo, permitir e ajudar o intercâmbio com os mortos. Seu guardião era Cérbero, o cão tricéfalo, representando a estrela Sirius da constelação do Cão.



Prythania, a Rainha dos mortos e do mundo subterrâneo

Hécate era guia e protetora dos espíritos, auxiliando-os na sua passagem do mundo dos vivos para o local de repouso e regeneração do mundo subterrâneo. Nas lendas era descrita como o "Anjo fosforescente" (Phosphoros), simbolizando o brilho das decomposições e fermentações que transformavam os resíduos orgânicos em um composto fértil. Seus antigos bosques sagrados de teixos, álamos e ciprestes foram transformados em cemitérios cristãos; o teixo era a sua árvore sagrada por excelência, um símbolo da morte e também da imortalidade por ser perene e longeva, dizia-se que suas raízes nasciam do mundo dos mortos e sua resina exalada pela folhas ajudava na purificação dos espíritos. Como regente da morte e decomposição física, Hécate também promovia a fertilidade da terra e o nascimento de novas sementes, acolhidas pelo ventre fértil e escuro da terra. Ela aparecia nos cemitérios auxiliando a libertação do espírito do corpo físico, mas também buscava e recolhia as almas perdidas, que ela cuidava e orientava para seguirem seu destino após o julgamento e a retificação dos seus erros. Nesta qualidade era acompanhada pelas suas três irmãs - as Erinias ou Fúrias -, que puniam todos aqueles que tivessem ofendido, violentado ou matado suas mães; juntas ajudavam nas purificações e expiações dos criminosos.

Hécate regia as grutas que eram entradas para seu reino subterrâneo, onde ela morava junto de Hades, Perséfone e seus irmãos: Thanatos (morte), Hypnos (sono) e Morpheus (sonho). Quando os cães uivavam, acreditava-se que Hécate passava, ela mesma podendo aparecer como uma grande cadela preta. O cão era animal totêmico das deusas da morte por conduzir os espíritos e perceber sua presença no plano astral, por isso quando um cão uivava para a Lua, supunha-se que ele anunciava uma morte ou a passagem de Hécate. Cães pretos eram ofertados a Hécate pelos praticantes da magia, fato que contribuiu para a ênfase dada aos seus poderes destrutivos e macabros nos mitos helênicos. A igreja cristã transformou Hécate em uma figura demoníaca, "Rainha das bruxas" - as mulheres praticantes de magia negra e ritos satânicos - que aparecia acompanhada por um séquito de fantasmas e demônios nas encruzilhadas, em noites de lua negra, que depois assombravam as casas como fantasmas e vampirizavam os homens solteiros, provocando-lhes poluções noturnas e roubando assim seu poder.

Hécate, a Senhora da Visão e da Magia

Hécate confere a todas as mulheres habilidades intuitivas, proféticas, mágicas e curadores. Ela é a xamã arquetípica que se movimenta entre os mundos, ligando o plano visível ao invisível e abrindo os véus para que possa ser enxergado o que for necessário para cura e regeneração. Por olhar para as três direções, Hécate vê os padrões que conectam no tempo eventos e situações, ela abre o conhecimento do passado, dá a direção segura para o presente e desvenda os perigos, as

promessas e possibilidades do futuro. Hécate envia os sonhos proféticos e os sinais sutis, ela sussurra segredos e orienta a comunicação sutil e intuitiva com os espíritos, sendo a mensageira ancestral do mundo psíquico. Na sua manifestação como Anthea, a "Senhora das visões noturnas", a sua luz difusa inspira artistas, visionários e videntes, mas se for absorvida em demasia, sua energia pode provocar alucinações, pesadelos e desequilíbrios psíquicos e mentais.

Como padroeira da magia, Hécate era invocada nos rituais noturnos, nas oferendas e antes do uso de oráculos, para ensinar os segredos das plantas e o poder dos encantamentos. Sua proteção era invocada pelas mulheres gregas antes de saírem de casa e para a segurança dos seus filhos e familiares. No dia 13 de agosto um grande festival homenageava Hécate como a "Senhora das Tempestades", para que as colheitas fossem protegidas das chuvas torrenciais, as moradias e seus habitantes poupados de inundações e descargas elétricas. Hécate Trivia é honrada na noite de 16 de novembro e no sabbat celta Samhain, bem como invocada nas comemorações dos ancestrais dos diversos cultos pagãos europeus, antigos ou atuais.

A Inquisição condenou e matou milhões de mulheres durante os cinco séculos da sua atuação, perseguindo, torturando e matando aquelas que eram vistas como devotas de Hécate, por serem dotadas de poderes curadores, mágicos e visionários. Hécate foi denegrada e seu culto proibido por ser a padroeira das parteiras, curandeiras, benzedoras e xamãs, cujos poderes eram cobiçados pelos médicos e execrados pela igreja. Suas seguidoras foram as vítimas da Inquisição por serem bonitas ou feias, jovens ou velhas, virgens

ou viúvas, pobres ou ricas, independentes ou dementes, ignorantes ou sábias, cristãs ou pagãs, sendo acusadas de bruxaria, magia negra, pacto com o demônio, que lhes conferia poderes em troca das suas almas.

Hécate, a Guardiã dos Mistérios Ocultos

Hécate Trivia nos auxilia lembrar e transmutar o passado, curar e fortalecer o presente, enxergar e realizar o futuro, sendo guia e protetora no limiar das transições. Se ela for devidamente honrada, nos concede os dons da visão, inspiração, criatividade e regeneração. Se for renegada ou reprimida, a sua sombra se manifesta como inércia, estagnação e desequilíbrio mental. Por ser a regente da morte, ela representa além do lado destrutivo da vida, as forças necessárias para tornar possível a cura e renovação. A sua função paradoxal é enxergar na escuridão e iluminar os caminhos, pois a sua chave abre o acesso para a riqueza do inconsciente e sua tocha ilumina as sombras e os medos. Hécate nos guia no mundo escuro onde podemos ter a revelação dos mistérios, receber uma visão ou mensagem. Mas o caminho para a sua sabedoria inclui a descida no submundo do nosso inconsciente. As imagens simbólicas que aparecem nos sonhos são mensagens de Hécate, que



nos revelam os dramas e conflitos interiores, que podem se transformar em medos, fobias e pesadelos. Por isso Hécate era temida como a “Velha Bruxa”, com nariz adunco e corcunda, que enviava demônios para torturar as mentes dos homens, mãe dos vampiros que traziam o terror noturno e os fantasmas dos medos. Hécate tanto era personificada pela parteira que assistia aos nascimentos, como também pelas mulheres que ajudavam os moribundos, facilitando o desligamento do espírito e sua travessia entre os mundos. Portanto ela pode ser a nossa parteira interior, que nos ajuda nos livrar do “peso morto”: atitudes ultrapassadas, conceitos limitantes, lembranças dolorosas, atitudes compulsivas ou obsessivas. Hécate é a testemunha silenciosa que observa, anota e registra os nossos processos interiores, sendo um precioso auxílio na exploração do inconsciente e nas terapias da psique. Ela assiste e auxilia em todos os processos de nascimento difícil: para escrever um livro, realizar uma obra de arte, compor uma música, dirigir uma peça de teatro ou filme, para ensinar ciências ocultas ou cuidar de clientes como psicoterapeuta.

Como regente da lua escura Hécate personifica tanto os ciclos de morte (nos obrigando a encarar os medos que surgem durante as crises), quanto os de renovação (que requerem mudanças e o desapego daquilo que já morreu ou passou). O patriarcado nos ensinou a temer Hécate como a bruxa má e hostil, que leva os vivos para o mundo dos mortos, na realidade sua missão como psicopompo. É importante reconhecer que estas imagens horrendas e chocantes são meras projeções do medo inconsciente do patriarcado perante os poderes femininos, que ficaram gravadas no inconsciente coletivo, reforçadas por séculos de repressão e interpretação errônea dos poderes femininos da noite, da lua negra e de Hécate. Para resgatar as qualidades luminosas de Hécate dentro de nós, precisamos descartar as crenças falsas, os conceitos errados, redimir e descobrir a verdadeira face de Hécate, entrando na sua luz velada, que ilumina os arquétipos pessoais e transpessoais. As imagens reprimidas no inconsciente tornam-se - após sua liberação - em energias criativas, que removem a energia bloqueada e a imobilização, nos levando para um novo ciclo de renascimento e renovação.

Hécate nos ensina que o caminho para a visão, que permite a renovação, encontra-se no movimento espiralado pela escuridão, quando a sabedoria é adquirida através das experiências e desafios da vida. Para receber os dons de Hécate precisamos buscar, encontrar, nos conciliar e honrar seus aspectos existentes dentro de nós mesmas, claros ou escuros. Entregando-lhe a guarda do nosso inconsciente, sem resistir aos processos de mudança, poderemos ampliar e perceber melhor a riqueza oculta do nosso próprio mundo subterrâneo. Ao reverenciar Hécate precisamos

louvar e honrar a sua presença, ofertando-lhe uma vela na lua negra e nas encruzilhadas dos nossos caminhos, dar-lhe algo que nos pertenceu, mas que já cumpriu seu ciclo e objetivo. Assim poderemos atravessar o limiar entre a escuridão e a luz, entre passado e presente e resgatar o nosso próprio poder: lunar, telúrico e ctônico.

